

AMORA: AS REPRESENTAÇÕES DO CONTINUUM LÉSBICO NOS CONTOS DE NATÁLIA BORGES POLESSO

Ellen Karollyne Tavares da Silva ¹
Beatriz Rodrigues Bomfim ²
Orientador do Trabalho ³

RESUMO

O presente artigo consiste em uma pesquisa bibliográfica, que busca analisar os aspectos internos e eternos de quatro contos escritos pela brasileira Natália Borges Polessso, sendo eles “*Flor, flores, ferro retorcido; Vó, a senhora é’ lésbica?; Diáspora lésbica e Marília acorda*”, todos parte do livro *Amora*, publicado em 2015. Nas narrativas, será observado como se manifesta o *Continuum lésbico*, conceito abordado principalmente sob a perspectiva de Adrienne Rich (2012). A autora traz esse conceito para nomear a rede de apoio e troca de experiências que apenas mulheres conseguem compartilhar entre si, em vários estágios da vida. Tal ideia é levantada por Rich (2012) como contraponto à heterossexualidade compulsória, que coloca o homem como figura central de poder em todas as esferas sociais. Além disso, pretende-se também analisar o desenvolvimento do amor lésbico e as diversas representações de personagens lésbicas em diferentes fases da vida. Em adição à da teoria já mencionada de Rich (2012), o projeto se baseia nas teorias de gênero e nas discussões sobre Feminismo, centralizadas no Feminismo Lésbico, de Judith Butler (2016) e Monique Wittig (1980), além da Teoria Queer proposta por Miskolci (2017). É possível exemplificar, através da análise dos contos, como a existência lésbica se manifesta naturalmente em momentos distintos da existência humana, sendo em si própria uma forma de resistência à compulsoriedade das vivências heterossexuais que privilegiam os homens.

Palavras-chave: Amor lésbico, *Continuum lésbico*, Heterossexualidade compulsória.

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva analisar quatro contos do livro *Amora*, de Natália Borges Polessso. Esta obra foi publicada em 2016, sendo premiada com o Prêmio Jabuti e o Prêmio Açorianos no mesmo ano. O livro é uma coletânea de trinta e três contos que retratam personagens femininas e o amor entre mulheres nas mais diversas realidades. Em uma edição especial, publicada pelo clube de leitura *Amora Livros* em 2022, três novos contos foram acrescentados ao volume.

Amora ganhou destaque no meio da literatura brasileira contemporânea justamente pela pluralidade de existências lésbicas retratadas, como também pela escrita ora subjetiva e rebuscada, ora simples e direta, trazida por Polessso. Suas personagens causam identificação

¹Graduanda do Curso de Letras Português e Inglês da Universidade de Pernambuco - UPE, ellen.karollynes16011@gmail.com. Este artigo é um fragmento do Trabalho de Conclusão de Curso da autora principal, organizado com o auxílio da coautora mencionada;

²Graduanda da Curso de Letras Português e Inglês da Universidade de Pernambuco - UPE, beatrizrbomfim@gmail.com;

³ Professor orientador: titulação, Faculdade Ciências - UF, orientador@email.com.

quase imediata, sensibilizando e comovendo o leitor, que experimenta alegria, divertimento, amor, tristeza, entre outros sentimentos através das histórias. Dividido em duas partes, sendo a primeira “Grandes e sumarentas”, com contos maiores e mais aprofundados; seguida da segunda parte, “Pequenas e ácidas”, que conta com narrativas mais curtas e subjetivas, quase como retratos íntimos do ser.

Como arcabouço teórico para a análise, usaremos principalmente o conceito de *continuum* lésbico, abordado pela pesquisadora Adrienne Rich em seu ensaio *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*, originalmente publicado em 1993. Rich propõe o conceito de “*continuum lésbico*” e de “*existência lésbica*”, no lugar de “*lesbianismo*”. Tal troca de termos funciona como uma resposta ao cientificismo clínico compulsoriamente heterossexual que vê na mulher um ser biologicamente destinado à se relacionar com homens. Ela afirma ainda que, além da heterossexualidade compulsória, existe um apagamento da experiência lésbica dentro da própria literatura feminista, que opera sob uma visão majoritariamente heterossexual.

No texto, a pesquisadora propõe a ideia de heterossexualidade compulsória como uma instituição voltada para o favorecimento masculino na sociedade, e aponta diferentes formas de dominação sofridas pelas mulheres para reforçar tal poder. Defendendo que a simples existência lésbica é, em si própria, um ato de resistência, Rich apresenta o conceito de *continuum lésbico* como forma de combater o apagamento desse grupo e empoderar as mulheres no geral, numa espécie de rede coletiva na qual se trocam experiências vividas somente entre mulheres.

Em adição à teoria já mencionada de Rich (2012), temos como base as teorias de gênero e as discussões sobre Feminismo, centralizadas no Feminismo Lésbico, de Judith Butler (2016) e Monique Wittig (1980), além da Teoria *Queer* proposta por Miskolci (2017). Na análise, buscaremos perceber como estão representadas as personagens lésbicas dentro deste *continuum*, além de como se manifesta o tema do amor lésbico dentro dos contos. Para que seja possível entender como a crítica lésbica feminista pode ser usada como meio de leitura para o texto literário, nos apoiaremos em Candido (1987), que discute a relação entre personagens, enredo e as ideias de uma obra literária, visto que “a personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos” (CANDIDO, 1987, p. 51). Sobre as representações de minorias na literatura brasileira foi utilizada a pesquisa de Dalcastagné (2002).

METODOLOGIA

O trabalho envolve uma pesquisa bibliográfica que procura examinar os elementos internos e externos presentes no texto que contribuem para a representação de um contínuo lésbico, um conceito discutido por Adrienne Rich (2010). Como foco de estudo, foram escolhidos quatro contos extraídos do livro "Amora" de Natália Borges Polessio. Estes contos descrevem personagens lésbicas em diferentes estágios da vida, a saber: "Flor, flores, ferro retorcido", com representações de lésbicas na infância; "Vó, a senhora é lésbica?", com representações na adolescência e terceira idade; "Diáspora lésbica", que aborda a vida adulta; e "Marília acorda", com personagens na terceira idade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao longo do tempo, a relação entre as produções literárias e a sociedade foi abordada a partir de diferentes perspectivas. Durante o século passado, entender a relação estabelecida entre obra e seu condicionamento social era critério obrigatório para compreensão. Como é colocado por Cândido (2006, p.12), “procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial”. Sob esse contexto, era preciso que o autor fosse capaz de imitar ao máximo as relações vividas em sociedade, de modo que o âmbito externo da narrativa fosse fundamental.

Em seguida, um efeito contrário ganhou força, e o valor da narrativa passou a ser medido a partir das operações formais possuídas, que tornavam a obra peculiar ao ponto de tornar-se totalmente dissociada do social. Cândido (2006, p.13-14) reforça que, para que a obra seja analisada como um todo, nenhuma dessas duas visões podem ser adotadas, pois ambas seriam formas limitadas para a obtenção de uma interpretação íntegra. É a partir da análise externa, combinada à análise dos elementos estruturais internos, que tal interpretação consegue penetrar até as camadas mais profundas do texto, pois o social impacta na própria construção da estrutura e torna-se também interno ao texto.

A partir da leitura de uma obra literária, o que é lido acaba gerando certa identificação no leitor, seja ela por aproximação ou por distanciamento. Isso ocorre porque o texto exprime uma *representação* do mundo que toca quem o lê. Às vezes, tais representações funcionam como preâmbulo de *práxis* socialmente condicionadas (CÂNDIDO, 2006, p. 65). Graças ao poder de influenciar diretamente a sociedade, existir na literatura deixa de ser unicamente

representação e passa a funcionar como forma de reafirmação da própria existência para alguns grupos sociais.

Tomando como foco a literatura produzida e tematizada por mulheres lésbicas, é gritante a falta de representações do grupo em questão. E, quando há, muitas vezes parte de uma autoria que não as representa realmente. Sobre essa questão, Dalcastagnè (2002, p. 36) afirma não se tratar “apenas da possibilidade de falar [...] mas da possibilidade de ‘falar com autoridade’, isto é, o reconhecimento social de que o discurso tem valor e, portanto, merece ser ouvido”. Ou seja, é necessário dar validade ao tema e consumir obras com essa vertente para que a existência lésbica ocupe mais espaço na literatura.

Socialmente, existe uma relação direta entre sexo biológico e identidade de gênero que é imposta a partir da genitália no momento do nascimento. Ao possuir as características físicas do que é cientificamente tido como masculino/feminino, automaticamente espera-se uma identidade de gênero que vá de encontro com tais traços. Entretanto, Butler (2018, p. 33) coloca gênero como “uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada.” Ela fala sobre como todas as noções de gênero são construções culturais, que nada têm de naturais ou biológicas. E, graças à pluralidade de culturas que se manifestam no mundo, existe também uma pluralidade muito grande quanto ao que seria “mulher”, e quais traços estariam limitados ao feminino ou ao masculino. Consequentemente, as noções de gênero também seriam diversas.

Butler apresenta diferentes abordagens de estudo sobre a identidade sexual em relação à linguagem hegemônica. Começando com uma teoria sustentada por Irigaray, que defende a existência de apenas um sexo biológico — o masculino — que se perpetua ao criar a noção de “outro”, externo a si, e diz que o binarismo na linguagem é apenas mais uma forma de mascarar a perpetuação da hegemonia masculina. Já Foucault afirmaria que o binarismo na gramática instaura uma relação artificial interna nesse sistema. Enquanto isso, Wittig defende que a restrição binária dos sexos é uma forma de reproduzir um sistema compulsoriamente heterossexual.

Independente da perspectiva seguida, fica claro que um tema em comum é como o sexo masculino é favorecido pelo sistema binário. Butler diz ainda que no âmbito sexual, a “heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e de “fêmea” (p. 35). Isso porque, sendo a sociedade um meio falocêntrico, os desejos masculinos são sempre postos em primeiro lugar, enquanto os desejos femininos devem girar em torno de satisfazer o homem.

Em contrapartida, a Teoria *queer* surge por volta de 1960 com os movimentos da chamada contacultura, acompanhada de outros três “novos” movimentos sociais, como a segunda onda do movimento feminista, a luta pelos direitos civis da população negra e o movimento homossexual. A palavra *queer*, em língua inglesa, significa “estranho”, e por muito tempo foi usada com cunho pejorativo para discriminar aqueles que não se encaixavam nos padrões heteronormativos. Isso porque a “heteronormatividade seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou [...] para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida” (MISKOLCI, 2017, n.p.). Dessa maneira, o movimento *queer* age não apenas contra a heterossexualidade compulsória, mas contra todos os modelos heteronormativos que agridem o direito à liberdade de expressão da comunidade LGBTQIAPN+ que não se encaixa nos padrões.

Conforme Wittig (1980, n.p), a sociedade compõe-se de diversos discursos que compõem o pensar social, apoiando e reforçando-se uns aos outros. Tais discursos são majoritariamente ditados pelos que dominam, e se internalizam tão profundamente que torna-se confuso para o sujeito oprimido identificar a fonte de opressão, já que ela passa a ser aceita como “natural”. Numa sociedade evidentemente controlada por homens brancos, hétero e cisgêneros, é o discurso heterossexual que se normaliza, colocando o outro homossexual como marginal, estranho e antinatural.

Tais narrativas se colocam como apolíticas, ainda que a neutralidade seja inexistente e toda forma de se colocar dentro da sociedade carregue um cunho político em suas camadas mais internas. Wittig segue falando que:

E embora tenha sido aceite em anos recentes que não existe semelhante coisa como a natureza, que tudo é cultura, permanece ainda um cerne de natureza que resiste a ser examinado, uma relação excluída do social na análise - uma relação cuja característica é inescapável na cultura, assim como na natureza, e que é a relação heterossexual (1980, n.p.)

Ao defender-se como uma condição apolítica, a heterossexualidade se coloca em um patamar supostamente despretensioso e despido de ideologias. Todavia, a sociedade heterossexual segue oprimindo e apagando narrativas daqueles que não se encaixam em seus dogmas — dos que vão contra o sistema. Ao mesmo tempo que a heterossexualidade é defendida como condição humana inata, ela não se permite ser questionada sob nenhuma condição.

Por esse motivo, Adrienne Rich (2012) aborda a heterossexualidade compulsória como uma instituição política que tem como objetivo de fazer a manutenção da dominação

masculina sobre a sociedade como um todo, mas especialmente sobre as mulheres. A autora coloca como um dos fatores motivadores para sua escrita a inquietação que possuía quanto às:

As mensagens da Nova Direita dirigidas às mulheres têm sido, precisamente, as de que nós somos parte da propriedade emocional e sexual dos homens e que a autonomia e a igualdade das mulheres ameaçam a família, a religião e o Estado. As instituições nas quais as mulheres são tradicionalmente controladas – a maternidade em contexto patriarcal, a exploração econômica, a família nuclear, a heterossexualidade compulsória – têm sido fortalecidas através da legislação, como um *fiat* religioso, pelas imagens midiáticas e por esforços de censura. (RICH, 2012, p. 19)

Trinta anos depois, a situação pouco se difere quando o assunto são mulheres, posto que questões como a inferioridade nos salários, violência doméstica e a total responsabilidade com os filhos seguem sendo temas praticamente universais para as mulheres. Quando tratamos de mulheres lésbicas, aquelas que se assumem tendem a ser persuadidas para ficarem no armário, para que a “falha” no sistema se mantenha encoberta.

Para manter a supremacia masculina, as figuras masculinas precisam buscar formas de invalidar os discursos que os ameaçam para perpetuar o poder da própria instituição. Sendo assim, Rich defende que a existência lésbica exprime “tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida. É também um ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres. Mas é muito mais do que isso [...] um ato de resistência.” (2012, p. 26-36). Ainda que sem nenhum amparo de tradições, figuras lésbicas continuam existindo, vivendo e amando em um meio opressor. De alguma maneira, elas continuam buscando mais espaços que precisam ser ocupados para que questões como a heterossexualidade compulsória sejam revistas não somente pelas mulheres lésbicas, mas também por mulheres heterossexuais e pelos próprios homens”.

Diante do status de instituição que foi apontado, Adrienne Rich apresenta como o termo *lésbica* ou *lesbianismo* são usados com teor clínico, tornando-se limitados à uma definição patriarcal que se resume sexualização, excluindo a amizade e companheirismo femininos. Outra questão é a impossibilidade tomar a existência lésbica como versão feminina da homossexualidade masculina, pois apesar de ambas serem estigmatizadas, existem privilégios que até mesmo os homens gays desfrutam, enquanto as mulheres lésbicas seguem enfrentando situações de opressão reservadas ao feminino.

Partindo das questões anteriores, Rich (2012, p. 38) aborda o conceito de *continuum lésbico*, que transcende o erótico para abarcar relações primárias entre mulheres, que as enriquece interiormente ao mesmo tempo que gera um vínculo contra a tirania masculina:

Considerando a possibilidade de que todas as mulheres existam em um *continuum* lésbico – da criança mamando no seio de sua mãe até a mulher adulta que experimenta sensações orgásticas enquanto sua própria criança está mamando, talvez relembrando o cheiro do leite de sua mãe em seu próprio leite, ou considerando até duas mulheres, tais como Chloe e Olivia, descritas por Virginia Wolf, que dividiam um laboratório, ou, ainda mais, se consideramos até mesmo a mulher que está morrendo aos noventa anos, tocada e amparada por mulheres – podemos nos ver como a mover para dentro e para fora desse *continuum*, mesmo se não nos identificamos como lésbicas.

Com esse conceito, denomina-se uma espécie de rede de apoio, amizade e acolhimento que pode ser experimentada apenas por mulheres, lésbicas ou não. Ele é trazido como contraposto à instituição da heterossexualidade compulsória, uma vez que somente sujeitos femininos vivenciam as formas de dominação que os oprimem. E, mesmo com toda opressão e apagamento, encontram formas de resistir e subverter as ordens da maneira que podem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando não há o apagamento da existência lésbica nas mídias em geral, o que há comumente é uma representação pornográfica voltada para o consumo dos homens, promovendo a ideia de que mulheres são incontestavelmente presas masculinas com inclinações masoquistas de prazer. A necessidade de invalidação lésbica é outra questão que pode ser incluída nas formas de manutenção da supremacia masculina pois, a existência lésbica exprime “tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida. É também um ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres. Mas é muito mais do que isso [...] um ato de resistência” (RICH, 2012, p. 36). Ainda que sem nenhum amparo de tradições e sob toda opressão, figuras lésbicas continuam existindo, vivendo e amando em um meio opressor.

Por isso, foram selecionados quatro contos que abordam temas relacionados à existência lésbica e suas complexidades em uma sociedade que frequentemente apaga ou distorce essa identidade. Eles exploram como as mulheres lésbicas enfrentam desafios em diferentes contextos e gerações. *Flor, flores, ferro retorcido* conta a história de uma criança que descobre o termo "machorra" e questiona sua família sobre o significado. Ela percebe que a palavra se refere à vizinha, uma mulher lésbica dona de uma oficina automotiva, e começa a

buscar compreensão sobre essa identidade, e uma das respostas obtidas é de que o termo refere-se a uma doença contraída a partir de ferro retorcido.

Além de remeter à profissão da vizinha, associar a vivência lésbica a algo “retorcido” reforça a ideia de desvio da sexualidade, algo negativo que se configura como doença. Considerando que o conto é ambientado no ano de 1988, ainda dois anos antes da despatologização da homossexualidade, o tabu sobre a temática e o tratamento como sendo algo realmente nocivo e contagioso faz com que a personagem da mãe, indiretamente, represente a massa da sociedade como um todo, mais preocupada em manter estereótipos e preconceitos que apenas fortalecem a instituição da heterossexualidade compulsória.

Rich (2012, p. 28) fala sobre como a existência lésbica só é aceita no meio social se ela performar heterossexualidade, se a lésbica se “mantém no armário”, e que situações contrárias colocam em risco questões como seus empregos e sobrevivência. Os Klein, família dona da oficina que se localiza ao outro lado da casa da protagonista, são o retrato perfeito do núcleo familiar “correto”, composto por pai trabalhador, mãe dona de casa e filhos, todos loiros de olhos azuis. Por sua vez, a vizinha enquanto mulher solteira e independente, que exerce uma profissão majoritariamente masculina e se relaciona amorosamente com pessoas do mesmo sexo representa um “desvio”. Ao subverter os papéis de gênero e sexualidades vigentes na sociedade, ela se coloca na posição de existência que é em si mesma uma forma de resistência contra os moldes heterossexuais.

Ao analisarmos a disposição geográfica dos espaços descritos acima é interessante observar como a casa da protagonista, uma criança em processo de descobrimento, está localizada justamente entre a casa de uma família que exprime os moldes normativos e a de uma mulher lésbica que os subverte. A menina é orientada a se envolver apenas com o lado “certo” da família bem estruturada, mas é o desconhecido que a atrai de forma genuína, devido a uma identificação despreziosa, demonstrando de forma sensível os primeiros traços de auto-conhecimento de uma criança *queer*.

Já o conto *Vó, a senhora é lésbica?* Narra um almoço em família em que um neto questiona a avó sobre sua sexualidade. A protagonista, Joana, reflete sobre a relação de sua avó com outra mulher, tia Carolina, e como essa relação difere da sua própria com uma colega de faculdade. Partindo do questionamento, a protagonista começa a acessar as próprias memórias da infância, quando recordava-se de ver a própria avó preparar todos os dias uma mesa de chá para recepcionar tia Carolina. Joana se lembra de como a mulher exercia grande

influência no humor da avó, que ficava feliz e amável em sua presença, ou extremamente pesados e depressivos nos períodos de afastamento. Outra lembrança que lhe invade é a dos avisos constantes que ela e seus irmãos recebiam para não incomodarem a tia.

Nesse processo de revisitar as próprias memórias, Joana percebe existir entre si e a avó uma conexão que vai além da paixão por histórias, iniciada pelos rituais de leitura entre as duas, algo tão marcante que influenciou a escolha de sua área de formação, que é a literatura. Ela entende que, além do apreço por livros, neta e avó compartilham um traço importantíssimo para a individualidade de ambas, que é o amor por outras mulheres. Mesmo tomada pela sensação de solidariedade, que podemos sinalizar como parte da manifestação do *continuum lésbico* no conto, Joana se vê impedida de questionar mais a avó sobre o tema, pois a insegurança de se assumir para a família ainda a amedronta. Isso ilustra como, mesmo em ambientes aparentemente receptivos, a figura lésbica encontra dificuldades para existir livre de preconceitos e da pressão heterossexual. Entretanto, o receio não parece se estender aos momentos compartilhados com a namorada, que são descritos como alegres e prazerosos.

A tia Carolina é outra personagem interessante para análise. Apesar de manter uma relação constante com a avó Clarissa, e viver em um momento socialmente mais tranquilo para existir abertamente como mulher lésbica em comparação ao que ela provavelmente deve ter experienciado durante a própria juventude, a mulher ainda carrega em si as travas decorrentes à pressão causada pela mentira da heterossexualidade compulsória, que segundo Rich (2012, p. 41) “coloca um sem-número de mulheres aprisionadas psicologicamente, tentando ajustar a mente, o espírito e a sexualidade dentro de um roteiro prescrito, uma vez que elas não podem olhar para além do parâmetro do que é aceitável”. Dessa forma, podemos novamente pensar na personagem como a representação de uma entre tantas dessas mulheres lésbicas mantidas a força dentro do armário, vivendo a “energia exaurida de uma vida dupla”, impossibilitadas de se expressar e viver de forma autêntica tanto por questões externas quanto por ideais internalizados nelas mesmas.

O terceiro conto selecionado, por sua vez, intitulado de *Diáspora lésbica*, descreve um grupo de mulheres lésbicas em um bar, discutindo suas experiências de relacionamento e as pressões sociais que enfrentam. A trama aborda infidelidade e conflitos interpessoais no contexto das relações lésbicas. Na mesa das mulheres, uma das novidades compartilhadas por uma das amigas é o retorno de Inês à cidade. Inês é uma personagem descrita como uma caçadora, que possui caráter questionável e acaba com todas as parceiras com quem se envolve. A mesma havia ido embora anos antes após um de seus casamentos, e acabara de

retornar após trair a esposa com uma jovem menor de idade. Por coincidência, Inês adentra o bar alguns minutos depois da chegada de Chica e Aline e vai se juntar ao grupo na mesa.

Fazendo jus à caracterização feita pelo grupo, Inês flerta descaradamente com Aline ao longo da noite e é correspondida. Depois de um tempo, Chica flagra as duas juntas no banheiro e vai embora do bar furiosa. A personagem de Inês, ao adotar essa postura de infidelidade e descuido com as parceiras, perpetua uma forma de violência comum da heteronormatividade, demonstrando como tais ações encontram-se tão enraizadas e normalizadas na sociedade que, em algumas ocasiões, acabam sendo reproduzidas pela parcela oprimida, no caso as próprias lésbicas. A cena seguinte consiste no grupo de amigas na calçada do bar, acolhendo a integrante que acabara de ser traída, pois “ninguém ia muito com a cara da Chica também, mas aquele era um momento de irmandade” (POLESSO, 2022, p. 142). Ou seja, mesmo o laço emocional de amizade entre elas não fosse tão forte, todas ainda conseguiam sentir empatia pelo momento difícil da colega.

Uma das possíveis leituras da diáspora é um sentimento de incerteza, de não pertencimento a um grupo, por mais que exista a persistência das personagens em manterem-se unidas pela consciência de que precisam apoiar-se umas nas outras. Cada uma vive o próprio conflito interior enquanto tentam manter-se conectadas pelo ponto comum, que é o bar da Tânia, mas o fechamento do lugar prejudica a manutenção dessa conexão. O episódio consegue demonstrar uma dualidade na existência lésbica, que é tanto coletiva quanto solitária, pois carrega em si questões grupais e individuais de cada mulher.

O último conto escolhido, *Marília acorda*, foca em um casal de mulheres mais velhas que compartilham uma vida de amor e cuidado mútuo. A história destaca a importância da companhia e da aceitação mútua em uma sociedade que frequentemente exclui e julga relacionamentos não heterossexuais. O casal retratado possui corpos já marcados pela velhice, questão que fica clara com a dificuldade de locomoção de uma, os cabelos brancos da outra. As duas não se enquadram na objetificação do corpo lésbico feita para a satisfação masculina, como é mencionada por Rich (2012, p. 26) quando comenta uma das formas de dominação masculina sobre as mulheres, a pornografia, na qual cria-se ideais de corpos femininos como presas sexuais dos homens. Elas estão além desse estereótipo e compartilham um amor profundo e verdadeiro, que vai além das questões físicas, que se caracteriza pelo conhecimento profundo do outro, proporcionado pelo compartilhamento de uma vida.

Apesar de nenhuma passagem da história narrar episódios de LGBTQIA+Fobia contra o casal, é notória a exclusão social sofrida pelas duas, como podemos observar no trecho: “Ali, ali naquela casa, moram duas velhas. Moram ali faz anos essas duas velhas. Acho que

essas velhas têm alguma coisa, moram juntas faz anos. Ali na casa das velhas estranhas” (POLESSO, 2022, p.131). O mundo exterior aos muros da casa é um lugar de julgamentos e preconceitos, mas dentro dela, as mulheres encontram uma na outra tudo que precisam para viver de forma plena. A casa abarca mais que o espaço geográfico, se estendendo como um símbolo do espaço de segurança sentimental das duas mulheres.

Consoante a Rich (2012, p. 40) “a identificação entre mulheres é uma fonte de energia e de poder feminino potencial, contido e minimizado pela instituição da heterossexualidade”. Tal afirmação nos ajuda a observar como, ainda que a cumplicidade das personagens femininas seja forte em si mesma e independente das amarras heteronormativas, o exterior vai minimizar a relação das duas, assim como de outras muitas mulheres lésbicas, a coisas como loucura e estranheza. Apesar disso, em “Eu morro de medo ainda e de novo e todos os dias e rezo para que morramos juntas, porque eu não vou suportar ficar sozinha, nem ela.” (POLESSO, 2022, p. 131), fica claro como a ligação das duas é profunda no nível de fazer com que suas existências se misturem, naturalmente resistindo aos moldes da heterossexualidade compulsória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devemos retomar uma das questões levantadas por Adrienne Rich (2012) sobre uma das principais justificativas usadas pela instituição da heterossexualidade compulsória para o apagamento da existência lésbica. Esse grupo tende a alegar de maneira infundada que as relações entre mulheres são decorrentes apenas de momentos pontuais nas vidas das mesmas, nos quais elas se encontram frustradas e/ou insatisfeitas com os homens. Como contraponto a tal argumento, pesquisadoras lésbicas como Rich apresentam argumentos e teorias relevantes que auxiliam na reflexão sobre a heterossexualidade como instituição, sendo o *Continuum lésbico* um exemplo delas.

Retornamos também para Candido (2011), ao considerarmos as produções literárias como um espaço de “ensaio” para a realidades futuras ao mesmo tempo que é fonte de inspiração, um preâmbulo para *práxis* sociais. É possível identificar na justificativa motivadora da autora Natalia Borges Polesso para a escrita de *Amora* a necessidade de criar uma literatura que retrate a própria *práxis*, mas que também sirva de inspiração para outras “amoras”, outras mulheres que vivenciam uma existência lésbica a sua própria maneira. Com isso, ela produz uma literatura proscrita (CANDIDO, 2011, p. 178) que representa um grupo silenciado de mulheres que é tão digno de visibilidade quanto os grupos sociais dominantes.

Em vista disso, ao longo das histórias analisadas, foi possível identificar diferentes representações do amor lésbico e da existência lésbica na sociedade. A continuidade presente nas representações das personagens foi proposital, pois cada texto aborda uma das principais fase do desenvolvimento humano – infância, juventude, vida adulta e melhor idade – , exemplificando como a vivência lésbica pode fazer-se presente em cada uma delas. Sendo assim, *amora* é uma obra inserida no *Continuum lésbico*, visto que desde seu processo criativo até a temática dos contos que abriga e as relações vividas por suas personagens, demonstra diferentes perspectivas de fortalecimento e cumplicidade feminina em detrimento do modelo imposto pela heterossexualidade compulsória que coloca as mulheres como inimigas ou competidoras entre si.

REFERÊNCIAS

- BERNARDINI, A. F. Formalismo russo, uma revisitação. **Literatura e Sociedade**, [S. l.], v. 5, n. 5, p. 30-42, 2000. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/l/article/view/18326>>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora Civilização Brasileira, 2018.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- _____. **Personagem do romance**. Personagem de Ficção, 1987.
- _____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- DALCASTAGNÈ, R. **Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, v. 20, p. 33-77, 2002. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2214/1773>>. Acesso em: 07 abr. 2023.
- MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Autêntica, 2017.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>>. Acesso em: 8 abr. 2023.
- POLESSO, Natalia Borges. Geografias lésbicas: literatura e gênero. **Revista Criação & Crítica**, n. 20, p. 3-19, 2018.